



Interação. Jovens na Biblioteca de SP, que não restringe seu acervo a livros

Um lugar para ler, escrever, ouvir, sonhar e criar

Literatura. Referência na criação de bibliotecas, chileno Gonzalo Oyarzún estará em SP nesta semana para falar sobre o tema

Maria Fernanda Rodrigues

A biblioteca não é um artigo de luxo, mas uma instituição de primeira necessidade. Ela vai muito além dos livros, pode ajudar no desenvolvimento de sua comunidade e é ainda mais necessária atualmente por causa do excesso de informação. A opinião é de Gonzalo Oyarzún, professor e consultor chileno com um vasto currículo na área de bibliotecas públicas e um dos convidados do Workshop Internacional Mediação: Uma Biblioteca para Hoje e para Todos, que será realizado na quinta, 13, e sexta, 14, na Biblioteca de São Paulo, com organização do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo.

“Na era em que todo o conhecimento humano está na tela e o levamos no bolso, as bibliotecas se tornam imprescindíveis”, diz Oyarzún, que já foi diretor do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do Chile, presidente do Programa Ibero-Americano de Bibliotecas Públicas e diretor fundador da Biblioteca de Santiago, a maior entre

as públicas do Chile.

Oyarzún aponta três motivos que tornam as bibliotecas ainda mais necessárias nos dias atuais.

O primeiro é que a promessa de acesso universal à informação é uma fantasia para a maioria da população mundial por causa da língua — quase 70% do conteúdo na internet está em inglês, alemão, russo e francês. “Para países do terceiro mundo, a biblioteca é a única porta de acesso a informações que não ajudam as pessoas a encontrar trabalho, ampliar seus estudos, entrar em contato com seus familiares, cuidar da saúde e melhorar suas competências profissionais. Ela é uma instituição de primeira necessidade.”

O segundo motivo, explica, é que as bibliotecas têm um papel determinante em várias comunidades. Segundo Oyarzún, as pessoas usam as tecnologias de informação para se comunicar, mas essas tecnologias não são exatamente um espaço de encontro. “Sem exceção, esses locais são todos comerciais, onde devemos consumir, pagar, nos

● Hora de aprender
“Na era em que todo o conhecimento humano está na tela e o levamos no bolso, as bibliotecas se tornam imprescindíveis.”

“A biblioteca deve estar próxima das pessoas, de suas necessidades. Ela tem que estar ocupada por pessoas. Se uma biblioteca abre sua porta e fica esperando que alguém vá pedir um livro, é muito provável que ela desapareça para sempre”
Gonzalo Oyarzún
PROFESSOR E CONSULTOR CHILENO

expor às dinâmicas do mercado. Já as bibliotecas são espaços para todos e de todos, em que ninguém tem o acesso negado e que é democrática por excelência, gratuita em seus serviços e com conteúdo de qualidade.”

Por fim, o terceiro motivo é a importância do mediador de leitura. Ele argumenta que um livro pode servir para enfeitar

uma mesa, segurar uma porta ou para ser lido. “O que vai fazer a diferença é a mediação. Um livro por si só não muda nada. É preciso ter gente, e um bibliotecário pode ser essa pessoa que vai aproximar carinhosamente a leitura de quem precisa.”

Foi o modelo chileno, que Oyarzún ajudou a formatar, que inspirou a Biblioteca de São Paulo — um marco na transformação do espaço público no Brasil. Inaugurada há 10 anos, ela foi construída onde ficava a Casa de Detenção do Carandiru, palco do massacre de 111 presos, em 1992. Ali, e em outras bibliotecas brasileiras que vieram depois, inspiradas nesse modelo ou na ideia colombiana de bibliotecas parque, os livros estão ao acesso de todos, como em prateleiras de livrarias, os usuários ajudam na escolha dos títulos que serão adquiridos, há cursos nas mais variadas áreas, encontros com escritores, clubes de leitura, apresentações musicais e teatrais, empréstimo de filmes e muito mais.

O desafio, especialmente para países com uma relação mais recente e não muito comprometida com a leitura, é atrair mais gente para as bibliotecas e transformar essas pessoas que as frequentam por causa dos cursos oferecidos, por exemplo, em leitores.

“A biblioteca deve estar próxima das pessoas, de suas necessidades. Ela tem que estar ocupada por pessoas. Não há uma receita diferente dessa. Se uma biblioteca abre sua porta e fica esperando que alguém vá pedir um livro, é muito provável que ela desapareça para sempre. Deve ter vida dentro de uma biblioteca. As pessoas devem poder usar um computador, ver uma exposição, fazer um curso de culinária, partici-

par de um clube de leitura, fazer aulas de ioga, produzir um fanzine com seus amigos, ou simplesmente sentar e ler um livro. Elas devem ser agentes de fomento e promoção de leitura em múltiplos formatos. Nas melhores bibliotecas, hoje se lê, se escreve, se canta, se escuta, se dança, se programa, se conversa, se desenha, se sonha e se cria”, completa.

Futuro. Gonzalo Oyarzún evita falar no que deveria ser a biblioteca do futuro. Não há tempo para isso. “A biblioteca do futuro deve ser hoje, e ela deve estar em lugares públicos perto de suas comunidades, com espaços e serviços construídos por essa comunidade. Ela tem que atender às necessidades vitais dessa população e adequar seu acervo, horário, dimensão e programação ao que seus usuários precisam.” E isso, ele diz, não importa se ela funciona num grande prédio ou num ônibus.

“A biblioteca de hoje deve estar focada nas pessoas, em todas as pessoas. Ela deve ser inclusiva e incentivar a diversidade”, explica. “Seu formato e sua estrutura devem ser constituídos pelo princípio permanente de que o ser humano é o mais importante e que a expressão coletiva desse ser humano é a comunidade em que ele está inserido”, completa Oyarzún.

Nesse sentido, para o chileno, uma Biblioteca Nacional é igualmente determinante na vida das pessoas. Na opinião dele, há um falso antagonismo entre a preservação e o acesso a uma informação de maneira massiva.

“As bibliotecas nacionais e públicas e as universitárias e escolares mudaram e foram incorporadas à vida das pessoas em todos os seus aspectos.”

Modelo adotado em São Paulo inspirou outros pelo País

● Em fevereiro de 2010, quando a Biblioteca de São Paulo foi inaugurada no Parque da Juventude, não existia nada igual no País. Era moderna, inclusiva, colorida. Foi dito à época que ela nascia voltada ao interesse do leitor, que não era pretensão ensinar nada, mas, sim, dar o que o frequentador queria.

“Essa ideia deve continuar vigorando. Ou seja, a ideia de que essa biblioteca se constrói ao redor dos interesses da comunidade leitora a que ela serve”, explica Pierre Ruprecht, diretor da SP Leturas, que administra a Biblioteca de São Paulo e a Vila-Lobos. Hoje, 30% do que é comprado para o acervo vem da indicação dos usuários. Também há espaço para a discussão da programação do local.

Em 2019, a Biblioteca de São Paulo, que ocupa uma área de 4.257 metros quadrados, recebeu 314.455 pessoas — no ano da inauguração, 279.525 pessoas passaram por lá. Sua manutenção custa cerca de R\$ 5 milhões por ano e a compra de itens para o acervo (são cerca de 2 mil por ano, entre livros, brinquedos, games, etc) consome cerca de R\$ 120 mil do orçamento geral. No total, o acervo é composto por mais de 40 volumes.

Logo depois da inauguração da Biblioteca de São Paulo, começaram a surgir outros empreendimentos semelhantes. Em 2010, surgiu a biblioteca de Manguinhos, no Rio de Janeiro, a segunda no País. /M.F.R.

Programação fica 5 vezes maior na Mário de Andrade

Quando a jornalista Joselia Aguiar assumiu a direção da Biblioteca Mário de Andrade, em março do ano passado, uma grande sala que ficava no térreo do prédio da Rua da Consolação era usada para exposições. A primeira iniciativa foi tirar as paredes que bloqueavam a vista para a Praça Dom José Gaspar, espalhar algumas cadeiras, montar um pequeno palco e pensar numa programação que, como Joselia disse à época, fosse a mais plural possível.

Teve slam, sarau, bate-papo, entrevista. Grandes autores passaram por lá. Teve até lotação máxima no dia em que a historiadora Lília Schwarcz deu uma aula sobre o livro 1984, de George Orwell, durante o Festival Verão Sem Censura, organizado pela Secretaria Municipal

de Cultura no início do ano.

“Conseguimos quintuplicar a programação, executando todo o orçamento destinado para esta finalidade”, diz Joselia Aguiar às vésperas do seu primeiro aniversário à frente da biblioteca. As exposições continuam, ela diz, embora não tão grandes como antes, e as apresentações teatrais, agora também para crianças, dobraram. A programação de cinema também continua — com mais debate — e os livros raros do acervo estão descendo alguns andares sendo organizados em exposições temáticas e gratuitas.

“Vamos continuar nessa linha. Precisamos cativar esse novo público, que é bastante plural, e temos como desafio reforçar a divulgação de nossa agenda. Em 2020, há a meta de tor-



Lotação. Biblioteca Mário de Andrade, que passou a receber teatro, sarau e entrevista

nar mais ágeis os processos internos e tentar ampliar o quadro de bibliotecários em diversas áreas”, diz.

Para Joselia, é cedo para se-berse a ampla programação cul-

tural que leva mais gente para a Mário de Andrade vai se refletir em outras áreas, como a de empréstimos de livros. “Ainda não é possível estabelecer essa relação de causa e efeito, em parte

porque é cedo para ter esse tipo de resultado, em parte porque precisamos criar mais meios de intercambiar esses públicos.”

Segundo Joselia, o maior desafio tem sido dar agilidade aos

procedimentos internos. “Precisamos descobrir como fazer as coisas acontecerem. Isso envolve desde ter gente com muito entusiasmo, quanto aprender a executar orçamento e descobrir como ter contribuições externas.”

Há também a ideia de colocar todos os catálogos do acervo online, uma etapa, ela explica, anterior à fase de digitalização.

“No último ano, pude entender mais as dificuldades de lidar com questões estruturais de muito tempo, que refletem o pensamento do próprio País sobre a importância do livro, da leitura, do autor, da biblioteca. Nesse aspecto, tem um caráter extremamente simbólico dizer que na Mário, o autor, tem imenso valor, que na biblioteca estão conservados livros de autores de todas as épocas que para nós têm imenso valor”, avalia a diretora. /M.F.R.

P pressreceder